

A MATERNIDADE E A DISTINÇÃO DE CLASSE NAS NARRATIVAS DE MULHERES DA REVISTA CLAUDIA E ZERO HORA

Maternity and class distinction within women's narratives

Ana Carolina Escosteguy*

Jessica de Souza Barbosa**

ABSTRACT

The article has the purpose of analyzing a set of five women's narratives in Zero Hora newspaper (May, 10th 2008) in contrast with other five histories published in Claudia magazine (May, 2011), both named "brave mothers". It is intended to highlight the distinctions arising from different social class positions, revealed through the values associated to the role of mother, played by these women. The study focuses on the methodological foundations of cultural studies, associated to the perspective of cultural analysis in journalism. From this point of view, the journalistic text is naturally linked with symbolic systems, conventions and values, putting into circulation some representations that strengthen and induce certain behaviors. The outcomes of this study suggest that while both media texts identify feminine identity with the role of mother, women's narratives from disadvantaged social classes, published in Zero Hora, build the false impression that Brazilian social problems can be solved through individual effort.

KEYWORDS

Journalism. Maternity. Social Class.

RESUMO

O artigo se propõe analisar dois conjuntos de narrativas de mulheres veiculadas em duas plataformas da mídia impressa: o jornal Zero Hora (maio de 2008) e a revista Claudia (maio de 2011). Ambas denominam as protagonistas das histórias de "mães coragem". Pretende-se destacar as diferenças decorrentes das distintas posições de classe social, reveladas através dos valores associados ao papel de mãe, exercido por essas mulheres. Este estudo contempla as bases metodológicas dos estudos culturais, ao qual se associa uma perspectiva cultural do jornalismo, entendendo o texto jornalístico como naturalmente impregnado por sistemas simbólicos, convenções e valores. Os resultados da análise revelam que ZH e Claudia colocam em circulação representações que reduzem a identidade feminina ao exercício da maternidade. No entanto, em relação às diferentes posições de classe, ZH cria a falsa impressão que nossos problemas sociais podem ser resolvidos, bastando para isso empenho e mérito individual das mulheres-mães de classes desprivilegiadas.

PALAVRAS-CHAVE

Jornalismo. Maternidade. Classe Social.

* PUCRS Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - Brasil. Email: carolad@pucrs.br

**Graduanda em Jornalismo, bolsista de Iniciação Científica BPA/PUCRS.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo analisar um conjunto de cinco narrativas de mulheres, publicado no jornal Zero Hora, no mês de maio de 2008, em contraste com o agrupamento de outros cinco relatos, veiculados na Revista Claudia do mês de maio de 2011. Ambos denominam as protagonistas dessas histórias como “mães coragem”. Postas em circulação num jornal diário de circulação regional e numa revista mensal, de circulação nacional, focada em um público específico, o feminino, essas histórias de vida traduzem seus respectivos contextos sociopolítico e cultural, bem como revelam relações que estabelecem umas com as outras, marcando identificações e diferenças culturais. Neste caso, pretende-se, sobretudo, destacar as diferenças decorrentes das distintas posições de classe social, reveladas através dos valores associados ao papel de mãe, exercido por essas mulheres.

Para entendermos a classe social desprivilegiada a qual pertencem às personagens das narrativas de Zero Hora, adotamos a abordagem elaborada por Figueiredo Santos (2009, p. 464), cuja noção de posição “destituída” deve ser compreendida não somente pelo princípio de exclusão de controle de ativos ou recursos econômicos, como também pela articulação deste com práticas sociais e culturais e vice-versa. As narrativas contidas na Revista Claudia, por consistirem em relatos de membros de categorias privilegiadas são tomadas como contraponto relacional às mulheres economicamente desprivilegiadas estampadas em Zero Hora e que, por sua vez, revelam outras marcas sociais e culturais.

Relacionado à posição social, está o gênero feminino. Este atributo social não pode ser visto como de menor importância em relação a outros – tais como o de culturas étnicas, raciais, religiosas, de idade, etc. No entanto, aqui, observa-se que as histórias em análise revelam como as protagonistas pensam a si mesmas como mulheres, mesmo que o objetivo original das respectivas publicações seja o de apresentar outro tipo de questão.

Esta análise contempla as bases metodológicas dos estudos culturais, a qual se associa uma perspectiva cultural do jornalismo. Nesta abordagem se atribui à cultura um papel central, já que em todas as práticas da vida social estão envolvidas questões simbólicas. Seguindo essa premissa geral, o discurso jornalístico não é visto como apresentação referencial do mundo. Ao contrário, destaca-se a natureza construída dos sentidos atribuídos aos eventos. Portanto, o texto jornalístico, neste caso, o conjunto de narrativas de mulheres, posto em circulação tanto por Claudia quanto por Zero Hora, é naturalmente impregnado por sistemas simbólicos, convenções e valores, colocando em circulação representações que fortalecem determinados sentidos e induzem certos comportamentos.

1.1 - ZERO HORA E A PRODUÇÃO DE “CINCO RETRATOS DE MÃES CORAGEM”

Zero Hora é um jornal do grupo RBS, de circulação diária que mantém constante produção de conteúdo tanto para a versão impressa quanto para a versão online. Conforme dados do Instituto Verificador de

Circulação , de março de 2010, Zero Hora (ZH) é o 6º jornal do país em circulação paga, com 185.026 exemplares por dia. Em termos de formato, Zero Hora é um tablóide, tamanho de impresso que a própria ZH ajudou a consolidar no Rio Grande do Sul como o dominante. Seguindo uma tendência do jornalismo brasileiro, iniciada nos 1980, o jornal é dividido em cadernos, que tanto podem ser diários quanto mensais, segmentados por público e temática. Entre eles, estão Casa e Cia, Donna, Ksuka e Bem-estar que são encartados num caderno principal, que tem aproximadamente 50 páginas.

Ângela Felippi (2007) define a estrutura de produção do jornal como pós-fordista onde predomina a flexibilização das tradicionais formas de produção e trabalho. Além disso, seu produto final, o texto jornalístico, está muito mais voltado ao entretenimento e à prestação de serviços, denotando uma preocupação com a publicidade e com a conquista de leitores. Segundo esse entendimento, o produto final não é determinado apenas pela estrutura e ideologia da empresa, mas também é influenciado pela cultura profissional do jornalismo, pelas ideologias em circulação, por rotinas e prazos, bem como pelos critérios de noticiabilidade adotados.

O jornal ZH, de acordo com Felippi (2007), adota o localismo como um dos principais critérios de noticiabilidade. Assim, acontecimentos distantes são trazidos para perto do contexto do leitor. Isto vale tanto para os fatos ocorridos no cenário correspondente à sua área de circulação, quanto para aqueles que não acontecem necessariamente em seu território físico, quando devem ser de alguma forma relacionados ao Rio Grande do Sul. Por exemplo, no dia 20 de março de 2011, nas páginas 14 e 15, a matéria "Olhar brasileiro sobre o modo de vida japonês", reportagem de Carlos Etchichury, apresentou relatos de três gaúchos e uma capixaba, radicada em Porto Alegre, mostrando a visão dos rio-grandenses sobre o terremoto no Japão que foi seguido de um tsunami e de vazamentos de material radioativo.

Felippi (2007, p. 97) enfatiza que o localismo ultrapassa as fronteiras de critério jornalístico, para atuar como mecanismo de mercado, constituindo-se num meio "de captação de leitores, ao optar pela sua inserção no local onde está territorialmente inserido, mediante uma construção discursiva que busca interpelar o leitor pelos aspectos identitários e de pertencimento". Esta prática está claramente presente na escolha das cinco mulheres da Região Metropolitana gaúcha para representar as mulheres brasileiras. A própria reportagem inicia mencionando que "são as mães provedoras, chefes de famílias, de 23,6% dos lares das regiões metropolitanas do Brasil" as "guerreiras da periferia" (ZH, 10 maio 2008, Caderno Cultura, p.2). No entanto, prefere aproximar a estatística de seu leitor restringindo a narrativa a cinco mães residentes em um único estado brasileiro, justamente o RS, local onde majoritariamente está situado o público deste jornal.

Outra estratégia para aproximar o leitor da notícia e evidente nas narrativas das "mães coragem" é a personalização. Este recurso está baseado na exploração do elemento pessoal e íntimo (HOGGART, 1975, p 44). Dessa forma, o centro da narrativa está composto pelas experiências das mulheres, descri-

tas em detalhes, destacando-se as peculiaridades e os acontecimentos da vida privada das entrevistadas que são colocados em evidência de modo a dar uma feição mais emocional e humana aos leitores sobre o tema.

O conjunto de narrativas, intitulado "Cinco retratos de mães coragem", foi publicado no caderno "Cultura" de ZH. Este é um suplemento semanal onde se encontram artigos, resenhas, entrevistas com intelectuais ou personalidades políticas, no geral, ocupando uma página inteira. Raramente esse espaço é ocupado por grandes reportagens. Publicado aos sábados, suas temáticas vão da literatura ao cinema, da música erudita à divulgação de eventos acadêmicos que contam a presença de pesquisadores renomados nacional e internacionalmente, da análise de algum acontecimento importante, seja em nível nacional ou internacional, a questões mais locais (por exemplo, o teatro local, Caderno Cultura, 8 out. 2011), enfim, usualmente são assuntos pertinentes à esfera cultural dominante. Em contraste com isso, os relatos analisados tratam de "outra" realidade, isto é, da vida de uma parcela pobre da população que é enfocada mediante um viés social. Além disso, o material jornalístico em análise oscila entre os gêneros grande reportagem e perfil jornalístico, onde a personalização é utilizada como uma estratégia de aproximar o leitor de ZH de um tema que está muito longe de sua realidade.

1.2 REVISTA CLAUDIA E A PRODUÇÃO DE OUTRAS "MÃES CORAGEM"

A revista Claudia tem como público-alvo mulheres de classe média, entre 25 e 45 anos, que trabalham fora e possuem uma vida familiar ativa. Neste ano, ao completar 50 anos, tem 1.8 milhão de leitoras e 450 mil exemplares. Com em média 220 páginas, aborda assuntos como o cotidiano da mulher, relacionamentos, histórias de mulheres emblemáticas em determinadas épocas, carreira e trabalho, sucesso, dinheiro, moda, beleza, saúde, amor e sexo, espiritualidade, família e filhos. Embora a publicação acompanhe a participação da mulher na esfera pública e dirija-se à mulher contemporânea e independente, associa-se a ideias e valores tradicionais, sobretudo, em relação à sexualidade e à vida familiar.

Claudia pretende orientar as mulheres, por isso, suas matérias dão dicas de nutrição, saúde, maquiagem, moda e comportamento, destacando-se seu caráter prático. O enfoque básico é posto naquelas mulheres que se sobressaem tanto no trabalho quanto na vida familiar, por isso, mesmo que alcancem sucesso na carreira, não dispõem da felicidade plena se não conseguirem se realizar na vida íntima e familiar. Ela está inserida no espaço de segmentação editorial, no qual as revistas exercem uma forte relação de intimidade e cumplicidade com as mulheres, encaixando-se no seu cotidiano, principalmente no doméstico, pois oferece oportunidade de leitura rápida e fragmentada (MIRA, 2001).

Em termos de história, a revista de grande circulação, em especial a feminina, admite dois grandes ciclos de expansão: a segunda metade do século XIX e o pós-guerra, quando a publicidade influencia as revistas não apenas em seu formato, mas também na padronização da página e no uso da cor. É neste

último ciclo que “o leitor passa a ser visto como consumidor em potencial e o editor torna-se um especialista em grupos de consumidores” (MIRA, 1997, p. 72). No entanto, a imprensa feminina ganha destaque ainda no século XIX, sobretudo na Europa, quando as mulheres estão emergindo como indivíduos consumidores e dando início a sua luta para serem sujeitos de sua própria história. Contudo, o mercado dessas revistas se expande simultâneo ao consumo e à moda, pois seu avanço esteve principalmente ligado ao desenvolvimento do setor têxtil (MIRA, 1997).

No Brasil, *Claudia* surge em 1961, com tiragem inicial de 164.000 exemplares, influenciada por modelos europeus e norte-americanos. Ela também teve um papel importante no fomento da indústria de moda nacional, ascendendo com a sociedade de consumo e com a ampliação das classes médias nos anos do milagre econômico. A revista manteve seu foco nas mulheres de classe média, principalmente, nas casadas.

Mesmo assim, as mudanças de comportamento que agitaram os anos 60 influenciaram suas leitoras e a revista ofereceu matérias que abordavam temas polêmicos relacionados às novas concepções de comportamento em voga. Destaca-se a coluna de Carmem da Silva, escrita desde os primeiros anos da revista até a data do seu falecimento em 1985, no qual foram propagadas ideias feministas. Embora tenha tematizado tais transformações culturais e morais, a revista procurou falar com cuidado para não perder leitoras, assumindo uma visão mais paternalista. Esse processo ocorreu em meio a contradições internas o que, por sua vez, revelou uma dificuldade de produzir uma única revista para “a mulher brasileira” (MIRA, 2001).

Diante de um mercado editorial onde se acelera a segmentação, a revista decide por continuar voltada para a mulher de classe média, ficando mais próxima das leitoras de 30 a 40 anos, privilegiando temas como moda, decoração e estilo. No primeiro semestre de 2010, conforme dados do IVC, era a segunda revista mensal mais vendida.

O sucinto resgate da trajetória da revista e sua inserção no mercado editorial ao qual pertence, bem como do delineamento da maneira que seu público foi se apropriando de um tipo de publicação destinado unicamente aos gostos e preferências tipicamente femininos, associados ao modo como as concepções relacionadas ao gênero foram evoluindo e revelando aspectos diferenciados no decorrer da história, colabora para a compreensão dos valores comunicados pela revista e do relacionamento que a publicação mantém até os dias de hoje com suas leitoras.

Considerando esses dois últimos aspectos, observa-se que o estilo dos relatos, agrupados sob o título de “Mães coragem”, remete a uma intimidade com a leitora, convidando-a a estar mais perto da história narrada. Isto se dá devido à sua forte conotação emocional via o tom confessional assumido e à abordagem da vida privada das mulheres. O fato das narrativas reverenciarem a maternidade é justificado pela

relação que a revista procura conservar com certos valores tradicionalmente femininos e, por sua vez, conservadores no que diz respeito ao amor materno, mesmo tendo sido uma precursora da divulgação de ideais feministas no Brasil – por exemplo, liberdade sexual, conhecimento do corpo, direito ao prazer, entre outros. Sustentando-se como meio não apenas de informação e entretenimento, mas também de transmissão de ensinamentos referentes ao comportamento da mulher, Claudia persiste na visão paternalista e, mediante a publicação de tais narrativas, ainda ensina como ser mãe.

2. QUEM SÃO AS MULHERES-MÃE DE ZH E CLAUDIA

O objeto em análise consiste em dois conjuntos de narrativas veiculados em duas distintas plataformas da mídia impressa: Zero Hora e Revista Claudia. No mês de maio de 2008 quando ocorre a comemoração do Dia das Mães, ZH publicou sete páginas, que contam em terceira pessoa a história de cinco mães de posições sociais desprivilegiadas da Grande Porto Alegre; já a revista Claudia, na edição do mesmo mês, em 2011, utilizou seis páginas, reservadas à reportagem especial, para relatar, em primeira pessoa, momentos específicos da vida de cinco mães de posições sociais privilegiadas.

A primeira página do conjunto de reportagens de ZH (edição de 10 maio 2008, Caderno Cultura, capa) inicia com um texto que apresenta a reportagem:

Invisíveis para a maioria da população, as mães provedoras das periferias, sustentam sozinhas as famílias, enfrentam o desafio cotidiano de afastar os filhos da tentação da delinquência e são consideradas a grande esperança de reversão da paisagem de transgressão e violência das áreas de alto risco.

Logo após este parágrafo, encontra-se o título do caderno, "Cultura", seguido da foto de uma das mães retratadas, Neida Maria Silva Camargo, com então 27 anos, sentada no sofá de sua casa. Abaixo da foto está o título da reportagem "Cinco retratos de mães coragem".

A segunda página, com a cartola "Retratos de Mães", abre com a chamada "Guerreiras da periferia", ao lado da imagem de um espelho que reflete a figura de uma mulher de perfil. Na linha de apoio, faz-se menção ao fato de todas elas, em um momento da vida, terem ficado sozinhas e passado a ser "chefes de família". "São as mães provedoras, chefes de família de 23,6% dos lares das regiões metropolitanas do Brasil" (ZH, 10 maio 2008, Caderno Cultura, p. 2). Na sequência, a abertura da reportagem é sustentada por estatísticas e vozes de especialistas em temas como criminalidade e violência doméstica e familiar.

Nota-se que, ao invés de dar voz integral às mulheres que contam sua história, ZH escolhe por realizar uma apresentação que emoldura as narrativas que são publicadas nas páginas subsequentes, posicionando-as como representativas de uma determinada posição social e de um determinado tipo de mãe.

Assim, são histórias de mulheres “pobres” que “são mãe e também são pai”, bem como são a “chance de reversão” da criminalidade (ZH, 10 maio 2008, Caderno Cultura, p. 2). Esse texto introdutório, apesar de fundado em estatísticas e fontes especializadas, revela-se permeado por concepções prévias e valores que têm relação com a visão que os dois repórteres e, conseqüentemente, Zero Hora, desejam imprimir aos relatos das cinco mulheres.

Na terceira página, o primeiro relato, “Os pés descalços de Claudina”, traz na parte inferior da página a fotografia da mulher que viveu no campo até os 16 anos, mudou-se para Porto Alegre, teve sete filhos, e ajudou a fundar uma creche que ajuda crianças pobres na Vila Cruzeiro. A quarta página tem como título “Tia Eva é quem manda na vila”. A foto da tia Eva, entre as cortinas da sua residência, está no alto da página, apresentando a narrativa da ex-operária de fábrica de calçados, dona de uma mercearia na periferia de São Leopoldo, que faz reuniões de bairro no banco da praça e é sinônimo de autoridade entre os moradores. Presidente da associação do bairro, lidera mais de 700 famílias e tenta controlar a expansão do tráfico de drogas na localidade. A quarta história, na quinta página, intitulada “O dia da virada na vida de Neida”, numa foto ao pé da página, sentada na cama, a mulher que não tinha como alimentar os filhos, resolveu trabalhar com crianças, olha para a câmera. Neida é educadora em uma ONG, frequenta um curso no Senac e quer ser psicopedagoga. Por último, na página seis, o espaço é reservado para “Todas as artes da palhaça Minda”, moradora do bairro Jardim Stella Maris, de Alvorada, dá aulas de teatro para crianças do bairro. Interpreta a mãe de um viciado em crack no filme de Happer Dogg, *A Maldição da Pedra*, exibido no Festival de Gramado (2007).

Claudia homenageou o dia das mães com um conjunto de narrativas de mulheres que se sobressaíram diante de adversidades familiares, contornando problemas como doença, decisões éticas e perdas. A chamada da capa “Edição do dia das mães: Histórias de amor que vence a dor, o medo e até a morte”, tenta levar o leitor até as páginas 132, 133, 134, 136, 138 e 140, onde estão histórias, contadas pelas próprias mães, de momentos em que enfrentaram riscos e situações extremas, em nome dos filhos.

A expressão “Mães coragem”, título da matéria, ocupa duas páginas. Desta vez não há um texto que abra a matéria e que faça uma contextualização, mas apenas um parágrafo, logo abaixo do título, informando: “Márcia desafiou o câncer, Fátima derrotou a própria dor para cuidar da família, Monique teve calma para socorrer a filha após um acidente grave. As histórias que você lê a seguir são fortes, devastadoras e maravilhosas, protagonizadas por mulheres que viraram heroínas por amor aos filhos” (CLAUDIA, Edição de Maio de 2011, p. 133). Trata-se de frase permeada de exaltações à atuação dessas mulheres o que evidencia o posicionamento do veículo na defesa de certos padrões de comportamento em relação à feminilidade e à maternidade. E, embora as mulheres citadas sejam narradoras de suas próprias histórias e a revista não as enquadre em uma classe social específica, a chamada para a matéria está impregnada de uma valorização: trata-se de uma mulher-heroína, protagonista de algum feito extraordinário, de valor admirável.

Na mesma página já aparece a história de Márcia de Oliveira em um pequeno bloco de duas colunas, onde ela narra a gestação conturbada em meio a sessões de quimioterapia e radioterapia para combater um câncer de mama. A questão que está posta neste relato é o fato de Márcia não ter desistido da gravidez mesmo com a adversidade da saúde. A história é ilustrada pela foto de Márcia sorrindo com o filho no colo.

Virando a página há outra foto, desta vez, de Fátima Suely Cunha posando alegre ao lado das duas filhas. A narrativa em duas colunas abaixo da foto, intitulada "A vida depois do desastre", conta como foi enfrentar a morte do marido em um acidente aéreo (CLAUDIA, Edição de Maio de 2011, p.134). Em "Corrida contra o tempo", a enfermeira Monique Simplício fala do momento em que precisou socorrer a própria filha na emergência de um hospital. Há uma foto de mãe e filha brincando e sorrindo (CLAUDIA, Edição de Maio de 2011, p.136). Na quarta história, "A escolha de Izilda", Izilda Cristina Reinelt está entre as filhas que sofriam de uma doença genética grave e precisavam de um novo rim. A mãe que só poderia doar um, enfrentou o dilema de escolher uma das filhas (CLAUDIA, Edição de Maio de 2011, p.138). No último relato, "Em busca de uma resposta", Andreia Curi, na fotografia, beija o filho Roman, de 11 anos. A mãe relata o quanto lutou para poder detectar a doença do menino, portador da síndrome de Angelman (CLAUDIA, Edição de Maio de 2011, p.140). É importante ressaltar a maneira como todos os depoimentos estão escritos, repletos de adjetivações e subjetividade, apelando para percepções emocionais a fim de comover e atrair o público.

Como já foi dito, ao analisar tais narrativas, seguimos o que se denomina uma perspectiva cultural do jornalismo. Esse entendimento pressupõe que os jornalistas empregam um conhecimento coletivo que está impregnado de crenças, valores e ideologias. Como explica Zelizer (2009, p. 102), "a análise cultural do jornalismo vê os jornalistas não apenas como comunicadores de informação, mas como produtores de cultura, porque transmitem demonstrações de preferências sobre o que é bom e o que é ruim, moral ou imoral, apropriado ou inapropriado no mundo".

Em ambos os conjuntos de narrativas, a maternidade é vista como algo digno de ser veiculado na mídia, sendo exibido como um ato heróico e exemplar. Essa ideia é proveniente de uma construção histórica em que a maternidade está ligada a valores próprios de uma organização social patriarcal, a qual cultiva valores como família e moralidade, assim como exalta características maternais como a dedicação incondicional da mulher ao lar e aos filhos. Esse conjunto de significados que envolvem a maternidade, é reforçado pelos textos em questão, os quais enaltecem o papel materno dentro do seio familiar e do núcleo social, para o qual a ausência deste ser gerador e protetor – a mulher-mãe, seria ameaçadora à estrutura e ao equilíbrio esperados.

Ao relatar como se dá o processo de produção jornalística, Darnton (2010) descreve as práticas cotidianas de uma redação de jornal, resgatando a cultura própria que o jornalismo carrega. Além dos elementos estruturais e hierárquicos da organização ou da empresa, a produção jornalística também é

influenciada por valores, hábitos e ideologias características desta atividade profissional. O apego aos padrões estabelecidos e adquiridos pelos jornalistas ao longo de sua formação transforma o material produzido no que o autor (2010, p.100) nomeia de "padronização e estereotipagem". Consequentemente, observa como muitas matérias apresentam formas consideravelmente parecidas, utilizando traços estilizados, pois a redação é fortemente atingida por estereótipos e concepções pré-estabelecidas, originadas de formas e modelos convencionais e padronizados à manufatura da notícia. Isto é, o assunto ou enfoque da matéria precisa "caber" em concepções culturais prévias.

Sendo assim, observamos que as narrativas de ZH e Claudia primeiramente adéquam-se a uma prática comum na mídia, a de pautar-se e também de pautar a sociedade, segundo datas comemorativas. Desta forma, a característica de reverenciar as mães no mês de maio é inerente a essa convenção. Em segundo lugar, a própria expressão "mães coragem" aponta para uma gama de convenções culturais, de sentidos pré-estabelecidos e presentes numa memória coletiva que cristaliza uma concepção de mãe idealizada, abnegada, capaz de vencer ou suportar circunstâncias extremas em nome da felicidade dos filhos. Tal representação vem sendo repetida pela mídia como um modelo materno, reafirmado tanto em Claudia quando em ZH. E, por último, observa-se que também tem sido um padrão do jornalismo atual a ênfase em histórias de vida que, embora cheias de percalços, são indicadas como um perfeito exemplo de esforço e superação. Assim, exercem o papel tanto de emocionar os leitores quanto de ensiná-los. No primeiro âmbito, pelo seu potencial dramático, no segundo, devido à exposição e reiteração de valores relacionados à família, no caso, associados, sobretudo, aos exemplos de superação e heroísmo das mulheres-mãe.

3.A IDENTIDADE FEMININA, A MATERNIDADE E A DISTINÇÃO DE CLASSE

Nesta análise, a identidade feminina remete a um construto social, implicando em valores, regras, posturas e obrigações, decorrentes de uma história social, em detrimento de uma concepção essencialista, calcada numa noção de universalidade e de determinismo biológico (SIFUENTES e ESCOSTEGUY, 2011). Associado a esse posicionamento, entendemos que os conceitos de gênero e, por sua vez, de identidade feminina adquirem materialidade em práticas e experiências de sujeitos.

A partir do momento em que é refutado o determinismo biológico que destina às mulheres o papel social de mãe, a maternidade começa, então, a ser entendida como uma construção histórica e social. Coincidindo com o advento de tecnologias contraceptivas, esta última argumentação defende que a posição social das mulheres, não é determinada pelo fator biológico da reprodução, ao invés disso, pode sim ser definida pelas relações de dominação atribuídas à maternidade (SCAVONE, 2001, p. 141).

Ela [a maternidade] pôde ser abordada tanto como símbolo de um ideal de realização feminina, como também, símbolo da opressão das mulheres, ou símbolo de poder das mulheres, e assim por diante, evidenciando as inúmeras possibilidades de interpretação de um mesmo símbolo. (SCAVONE, 2001, p. 142). Contudo, a mãe reverenciada pelas matérias analisadas é aquela que prioriza, antes de si mesma, o

cuidado para com os filhos. Neste caso, a maternidade é vista como fator essencial para a realização feminina. As narrativas vão ao encontro de uma moralidade feminina carregada de conceitos de bondade e auto-sacrifício, no momento em que demonstram estar totalmente à disposição dos filhos ou abrindo mão de aspirações individuais em decorrência dos mesmos. "O conflito moral feminino corresponde uma tensão entre compaixão e autonomia, virtude e poder, entre o self e outro; e seu exemplo mais significativo é a decisão de abortar" (PEDREIRA, 2008, p. 3).

Portanto, com a emancipação feminina, o destino da mulher não é mais determinado, mas é passível de escolhas entre o que seria próprio de sua identidade e aquilo que se apresenta como caminho para a independência. As narrativas de ZH apontam para uma tensão entre essa dicotomia, independência versus doação ao outro. Além disso, ressaltam o cotidiano da mulher que enfrenta tanto os dilemas familiares quanto os profissionais e econômicos. Já as narrativas de Claudia estão especialmente para contar como diante da opção entre priorizar a si ou ao filho, as mulheres escolheram heroicamente pela segunda opção.

Do ponto de vista das distintas posições de classe representadas nos materiais analisados, ZH apresenta a história de cinco mães de periferia, cujas dificuldades ultrapassam o âmbito familiar, enfrentando a miséria e a criminalidade do meio onde vivem, ao passo que as histórias da revista Claudia restringem-se ao âmbito privado das protagonistas, retratando conflitos particulares de mulheres de classe média. O material de ZH alarga o horizonte das histórias, contextualizando a saga das mulheres em um cotidiano de periferia, ou seja, em uma determinada realidade social. Atribui a essas mulheres um valor ímpar, dado que são vistas como a última instituição resguardada dos códigos de conduta e delinquência que prevalecem nesse ambiente. "São elas que ainda seguram as pontas em áreas de alto risco dominadas ou cobiçadas pelo tráfico" (ZH, 10 maio 2008, Caderno Cultura, p.2). Por essa razão, são mães com múltiplos desafios: além da tarefa de alimentar os filhos, precisam mantê-los por perto, a fim de desviá-los do crime.

Escrito em terceira pessoa, o texto de ZH é mais detalhado que o de Claudia, no sentido de dar espaço para pequenas amostras da vida ordinária destas mulheres. Linguagem próxima do literário, conta como essas mulheres viveram o momento em que foram obrigadas a abandonar a dependência econômica e afetiva dos homens (tanto do pai quanto do marido), para sozinhas se tornarem gestoras de suas próprias vidas e das complexas relações familiares e profissionais.

Essa mulher que luta dia-a-dia pela própria sobrevivência e pela de seus filhos, nas narrativas publicadas, é uma vencedora. Entretanto, sua superação culmina em solidariedade. Esse é o caso de Elci que tem mania de achar filhos na rua, de Claudina que foi fundadora de um programa de educação em uma ONG na Vila Cruzeiro e de Tia Eva que tenta dar sua contribuição para impedir que jovens utilizem drogas e se aproximem do crime. Desse modo, essas mães passam a ser apresentadas como heroínas e, sobretudo, como um exemplo a ser seguido em todas as periferias do Brasil.

Algumas tiveram filhos, frutos de uma relação informal e efêmera. Outras, casadas, perderam ou foram abandonadas pelo marido. Tais histórias são marcadas pela dupla jornada de trabalho que as impede de dar a atenção necessária à casa e aos filhos. Mesmo assim, declaram que, antes de se entregarem a um romance, dedicam sua vida a outras prioridades: ao trabalho e aos filhos. Se consideram vitoriosas por manterem os filhos longe das drogas: “já é uma grande coisa ter criado os filhos sem vício” (ZH, 10 maio 2008, Caderno Cultura, p.4).

Embora o tema da independência também esteja muito presente nas histórias de ZH, ele revela algo que não está escancarado nos materiais jornalísticos. Operárias, empregadas domésticas, todas elas ocupavam funções, na época da reportagem, que não exigiam uma formação específica. Contudo, nenhuma delas escolheu a independência, trata-se de um imperativo diante da situação vivida.

Já na revista Claudia temos histórias bem diferentes, como o da mulher que, mesmo com a ameaça de morte em uma gestação de risco, escolheu levar a gravidez adiante sendo recompensada com uma nova vida, a vida do filho (CLAUDIA, Edição de Maio de 2011, p.133); em “A vida depois do desastre”, Fátima Suely Cunha, descreve a morte do marido e o apoio e o equilíbrio emocional que precisou oferecer às suas duas filhas (CLAUDIA, Edição de Maio de 2011, p.134); Mônica Simplício, técnica em enfermagem, que socorreu a própria filha da morte (CLAUDIA, Edição de Maio de 2011, p.136); a mãe, Izilda Cristina Reinelt, a qual teve que escolher entre suas três filhas, para qual delas doaria o próprio rim (CLAUDIA, Edição de Maio de 2011, p.138) e, por fim, a mãe de Ronan, Andréia Curi, que insistentemente lutou para detectar a doença do filho (CLAUDIA, Edição de Maio de 2011, p.140).

A narrativa de Márcia Oliveira possui uma característica comum a das outras mães da revista Claudia, a de ressaltar o quanto a maternidade é sinônimo de realização pessoal para a mulher: “Antes eu vivia deprimida – hoje sou outra. Tenho um objetivo, vejo que recebi uma benção. Estava quase estéril, gravemente doente, e de repente me descobri gerando um ser” (CLAUDIA, Edição de Maio de 2011, p. 133). O relato de Fátima reafirma a relação de dependência que a família espelhava na figura paterna. Ao mesmo tempo que detalha o desequilíbrio psicológico que a morte do marido morto em um acidente de avião causou na mãe e nas filhas, também ilustra o sofrimento como transformador e educador, pois apesar dele, mantiveram-se unidas e firmes. “Tivemos que reformular nossa vida, reduzir gastos e lidar com a dor”, confessa Fátima (CLAUDIA, Edição de Maio de 2011, p. 134). “Mudei bastante desde a morte dele. Sou filha única e era mimada, mas o sofrimento me tornou melhor” (Idem), declara a mãe que afirma aguentar qualquer coisa em nome de suas filhas.

Embora de classes sociais diferentes, entre as mães de Claudia e as de ZH, algumas são donas-de-casa, outras trabalham fora, mas todas são responsáveis pela manutenção da vida familiar. Porém, as mães de Claudia são mulheres social e economicamente privilegiadas, que podem proporcionar uma vida confortável aos filhos, enquanto as de ZH ocupam posições excludentes no mercado de trabalho, obrigando-as a oferecer uma vida precária aos seus filhos.

As “mães coragem” de Claudia contam um fragmento de sua vida, que permanece exclusivamente centrado no âmbito doméstico e individual. Dessa forma, são consideradas corajosas por salvar a vida de um filho ou pela demonstração de incondicional dedicação à família, ao manter seu equilíbrio diante de situações limites. A mãe da revista Claudia é aquela que consegue equilibrar a virtude de mãe abnegada das sociedades tradicionais com a mulher independente e ativa da contemporaneidade. Em ZH, as mães não são apenas mães de seus filhos, pois mesmo com uma vivência marcada pela miséria, conseguem também estender o cuidado materno a um contexto de solidariedade coletiva. Através do trabalho social que exercem na comunidade, simbolizam resistência ao meio e às concepções a que estão associadas.

Pode-se concluir que a maneira como os veículos enfocam a questão da maternidade é diretamente associada ao ponto de vista editorial e comercial das publicações. Zero Hora que é um jornal diário, com um público mais amplo, que costuma dedicar um amplo espaço físico e editorial a assuntos como política e cultura, além de constantemente mostrar-se preocupado com questões sociais, escolhe dar visibilidade a mulheres das periferias e utilizá-las como ponto de partida para vislumbrar outros aspectos da sociedade como violência, criminalidade, drogas e miséria. A revista Claudia que não costuma abordar em suas páginas conflitos com este cunho, prefere expor depoimentos de mulheres que priorizam o âmbito familiar e privado de suas vidas. Assim, se aproxima do perfil de suas leitoras, exaltando o ato de heroísmo que deve partir de qualquer mãe, como registrado na capa da revista (CLAUDIA, Edição de Maio de 2011, capa): “Histórias de amor que vence a dor, o medo e até a morte”.

Contudo, as representações da maternidade, associadas às distintas classes sociais, postas em circulação pelas duas publicações, revelam alguns pontos em comum: a superação do sofrimento e das dificuldades, a luta e o empenho para manter a família unida mesmo com a ausência da figura masculina, mas em especial uma supervalorização do papel de mãe que aponta para uma identificação entre os interesses das mulheres com o empenho em ser mãe, isto é, uma redução da identidade feminina ao exercício da maternidade. No que diz respeito às diferenças de classe, as representações de ZH, embora visibilizem que os conflitos vividos pelas mulheres “destituídas” não são os mesmos das privilegiadas e revelem uma tentativa de contextualizar a trajetória de vida dessas mulheres que transborda do ambiente privado para a dimensão pública, ao ressaltarem apenas casos positivos, criam a falsa impressão que nossos problemas sociais podem ser resolvidos, bastando para isso empenho, força e mérito individual. Se, por um lado, a desigualdade social e a violência ficam patentes em ZH, sobretudo, via as estatísticas divulgadas no jornal, a mesma desigualdade desaparece mediante o esforço pessoal das mulheres-mães.

REFERÊNCIAS

DARNTON, Robert. Jornalismo: toda notícia que couber, a gente publica. In: _____. O beijo de Lamourette: Mídia, Cultura e Revolução. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 76-109.

FELIPPI, Ângela. O processo produtivo do jornal Zero Hora: A estratégia do "localismo". Revista FAMECOS, Porto Alegre, n. 34, dez. 2007.

FIGUEIREDO SANTOS, José Alcides. Posições de classe destituídas no Brasil. In: Souza, Jessé (org.). A ralé brasileira – Quem é e como vive. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

HOGGART, Richard. As utilizações da cultura. Vol. 2. Lisboa: Editorial Presença, 1975.

MENDES, Moisés; MARENCO, Daniel. Cinco retratos de mães coragem. Zero Hora, Porto Alegre, Caderno Cultura, p. 1-7, 10 maio 2008.

MIRA, Maria Celeste. O leitor e a banca de revistas: o caso da Editora Abril. 1997. 359 f. Tese (Doutorado em sociologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP, Campinas. Disponível em: <<http://cutter.unicamp.br/document/?code=000122361>>. Acesso em: 18 out. 2011.

_____. O leitor e a banca de revistas. A segmentação da cultura no século XX. São Paulo: Olho D'Água/FAPESP, 2001.

PEDREIRA, Carolina Souza. Sobre mulheres e mães: uma aproximação a teoria do cuidado. Fazendo Gênero 8: Corpo, Violência e Poder, Florianópolis, 2008. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST58/Carolina_Souza_Pedreira_58.pdf>. Acesso em: 18 out. 2011.

SCAVONE, Lucila. A maternidade e o feminismo. Cadernos Pagu, Campinas, n. 16, p.137-150, 2001.

SIFUENTES, Lírian; ESCOSTEGUY, Ana Carolina. As relações classe/gênero no contexto dos estudos de identidade: apontamentos teóricos. In: I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS CULTURAIS E EDUCAÇÃO, 2011, Canoas-RS.

WITTE, Cláudia Ramos. Mães Coragem. Revista Claudia, São Paulo, p. 132-140, maio 2011.

ZELIZER, Barbie. When facts, truth, and reality are God-terms: on journalism's neasy place in cultural studies. Communication and Critical/Cultural Studies, Londres, v. 1, n. 1, p. 100–119, mar. 2004.

Artigo Recebido: 24 de outubro de 2011

Artigo Aceito: 01 de dezembro de 2011